

Bruno Levinson

**BASEADO EM
PAPOS REAIS**

**MACO
NHA**

Bruno Levinson

BASEADO
EM PAPOS
REAIS
MACONHA

Baseado em papos reais – maconha

© 2023 Bruno Levinson

© TAO Editora

Publisher Edgard Blücher

Editores Eduardo Blücher e Jonas Eliakim

Coordenação editorial Andressa Lira

Produção editorial Juliana Morais

Preparação de texto Ana Maria Fiorini

Diagramação Plínio Ricca

Revisão de texto Cristiana Gonzaga Souto Corrêa

Capa Laércio Flenic



Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
contato@taoeditora.com.br
www.taoeditora.com.br

Levinson, Bruno
Baseado em papos reais – maconha /
Bruno Levinson. - São Paulo : TAO, 2023.
266 p.

Segundo Novo Acordo Ortográfico,
conforme 5. ed. do *Vocabulário
Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras,
março de 2009.

Bibliografia
ISBN 978-65-89913-30-6

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios, sem autorização
escrita da Editora.

1. Maconha 2. Plantas medicinais
3. Drogas alucinógenas I. Título

22-2129 CDD B869

Todos os direitos reservados pela Tao
Editora.

Índices para catálogo sistemático:
1. Maconha

Conteúdo

Introdução	7
1. Nelson Motta	15
2. Fernando Gabeira	29
3. Professor Henrique Carneiro	39
4. Orlando Zaccone	51
5. Maria Lúcia Karam	65
6. Marcos Kac	75
7. Eduardo Faveret	85
8. Margarete Brito	99
9. Francisco Bosco	113
10. Marcelo D2	125
11. Molusco	137
12. Matias Maxx	149
13. William Lantelme	161
14. Ricardo Petraglia	173
15. Mário Prata	183
16. Fernanda Abreu	195
17. MV Bill	205
18. Celso Athayde	221

19. Maria Riscalá	237
20. Stephane	249
Considerações finais	261

1.

Nelson Motta

Se o Nelson Motta, que trabalha tanto, que já fez tanto na nossa cultura, que é tão querido por tanta gente, fuma praticamente todos os dias já há 55 anos, então maconha não pode ser coisa de vagabundo!

Ninguém foi mais influente para mim do que Nelson Motta. Desde pequeno, adorava vê-lo no *Jornal Hoje* aos sábados. Eu começando a entender quão vasto era o mundo pop e ele apresentando o mapa. Eu começando a ter meus interesses, muito envolvido com o que dizia aquele cara zona sul do Rio como eu, que falava de um jeito como eu e que me parecia ser tudo aquilo que um dia eu gostaria de ser. Sempre atento ao que aquele cara falava e escrevia em suas colunas, fui seguindo meus caminhos, tendo Nelson Motta como um farol. O cara abria casas noturnas, o cara produzia shows, festivais, discos, o cara escrevia colunas nos jornais, o cara falava de cultura pop na TV e o cara não sabia tocar nenhum instrumento! Meu ídolo. Nelson Motta me deixa nervoso. Nervoso mesmo. Fico

ansioso, tenso, um desconforto de suar. Verdade. Cada vez que estive com ele foi assim, de suar. Já cheguei a tentar evitar encontros. Ficava vendo de longe... Veja só que loucura! Hoje estou um pouco melhor, mais controlado. Ufa. Que fique claro, este livro, por mais de um motivo, só começou por causa do Nelson. Ele foi o isqueiro!

A ideia de falar sobre maconha me acompanha. Sempre quis ter a possibilidade de defender o consumo mostrando que o foco do assunto deve ser o usuário. Assim, fui sempre me informando sobre o tema. Com esse propósito veio nascendo o desejo de escrever um livro sobre a relação das pessoas com a maconha. Uma dessas ideias que a gente vai tendo, guardando, até que um dia ela germina. Esse dia, para este livro, germinou quando li no jornal *O Globo* uma matéria sobre o lançamento do *De cu pra lua*, a autobiografia do Nelson. O maior destaque da matéria era uma fala do Nelson: *“Tenho uma memória incrível. Não sei por quê. Fumo maconha todos os dias há 55 anos”*. A minha primeira reação foi: *“Caramba, o Nelson Motta lança uma biografia, o cara que fez coisa pra caramba na nossa cultura, e o destaque é ele dizer que sempre fumou maconha?!”*. Minha primeira reação foi de desdém com a matéria, mas logo em seguida achei foda! Me veio a dimensão que esse destaque poderia vir a ter no debate. Mais um golaço na biografia do Nelson, meu ídolo! Depois de tudo que ele já fez, e ainda segue fazendo, joga uma verdade dessas na cara da sociedade? Uá! É isso mesmo, sociedade! O Nelson Motta, esse cara fodão que já fez coisa pra caramba pela nossa música, nossa cultura, um cara que sempre foi o simpático, o gente fina, o realizador, que nunca esteve envolvido em nenhum escândalo, que é pai, avô, bisavô, uma das pessoas mais queridas que temos, explanando que fuma maconha há 55 anos! Qual o problema? Então, bora fazer barulho para Nelson Motta! Bora fazer barulho pelo uso social da maconha. Este livro é dedicado ao meu ídolo, Nelson Motta!

Com todo esse sentimento, e nervosismo, vambora atrás do Nelson marcar a primeira entrevista. Vou fumar um beque com o

Nelson Motta! Tanto quanto a vontade de entrevistá-lo, veio esta ideia de fumar um com ele. Vou marcar a entrevista para qualquer dia às 4h20 da tarde, já propondo de fumarmos um. Já tinha o Whats dele. Mando mensagem. Nelson responde: *“Salve Bruno. Faço com prazer. Aliás há tempos tenho a ideia de um livro que se chamaria ‘Meu Primeiro Baseado’, com depoimentos de todo tipo de gente sobre o seu primeiro. Bom ou ruim. O Caetano passou mal, pensou que ia morrer. Todo mundo tem uma história e ajuda a desmistificar. Deixa passar esse lançamento do livro e conversamos. Bjs”*. O Nelson topou e com prazer! Já teve uma ideia parecida! Uááá! Me pareceu um bom presságio uma resposta dessa!

Me aguentei e fui me preparando para a entrevista, deixei o tempo passar, fui acompanhando um monte de matérias sobre o *De cu...*, devorei o *De cu...* e fui me preparando para a nova mensagem. No dia 18 de dezembro nós as trocamos. Ele marca: *“Terça 22, às 15h”*, curto e prático. Dia 22 chega, mando o link na hora certinha, e... *“Th Bruno... tinha uma fisioterapia que esqueci... podemos fazer às 17:20? Sorry. Maconeiro, se não anotar, esquece kkkkk”*. Às 17h20 mando o link novamente. *“Ainda atrasado, vamos às 17:45 sorry”*. Imagina, Nelson, tudo certo, já, já te mando novo link.... e ele às 17h46: *“Meu Deus, Bruno. Parece praga. Vou ter que gravar agora um ‘melhores do ano’ para o Jornal da Globo! Parece praga. Volto ao ar às 18:30”*. Caramba, vai ficando tarde, o cara vai estar cansado, pode ser melhor propor para amanhã. Tudo certo! Amanhã vou entrevistar Nelson Motta! *“Talvez seja melhor, porque estou cansado dessa porcariada...”*. Calma, Nelson!

Acordo no dia seguinte feliz da vida! Hoje é o dia! E o dia amanheceu chovendo. Estou na região serrana do Rio e tem chovido muito. Aqui, quando chove forte, acaba a luz! Dito e feito. Ou melhor, dito e não feito. Sem luz, sem link, sem entrevista. Caraca, fiquei sem luz o dia inteiro! Nelsonnn, socorro! *“Vamos rolando. E enrolando”*, ele me escreve. Aí veio o Natal, e ele nem respondeu mais nada. Caraca, eu mandando mensagem no Natal? Que

feito, Bruno! Fiquei mal com isto! Mas que nada, no dia seguinte ele marca para o dia seguinte, um sábado, tranquilão! E querem saber que horas ele marcou?! Às 4h20 da tarde! Sábado vou fumar um beque on-line com o Nelson Motta! Isso pra mim é coisa pra colocar no currículo!

Sábado às 16h20 estávamos no ar, e Nelson já com seu beque aceso na mão! Rapidamente acendo o meu. Estou fumando um beque com o Nelson Motta e vamos começar a primeira entrevista para o livro. Que bons ventos, e fumaças, nos levem! Então, Nelson, baseado em fatos reais, eu quero saber...

Nelson coloca seus óculos escuros, se ajeita na cadeira, posiciona a câmera, dá mais um tapa no seu beque, e, sem nem perguntar, já vamos carburando o papo. Falo do meu nervosismo habitual na sua presença e ele dá uma risada: *“Como você é bobo! Que bobagem!”*, para em seguida falar também do seu nervosismo quando encontra Maria Bethânia ou Roberto Carlos. *“Roberto Carlos te deixa nervoso!?”*, eu vou tirando minha onda... *“A mim, não! Depois de sete anos fazendo o roteiro do Especial dele na TV, hoje ele até me chama de Bruninho.”* O Roberto me chama de Bruninho e estou agora fumando um beque, trocando uma ideia, com Nelson Motta! *“Maravilha, maravilha, eu mesmo nunca escrevi para o Roberto. Quer dizer, agora estou envolvido aí com o filme dele e tal...”*. O cara me joga essa e me soa quase uma armadilha! Seria delicioso seguir o papo por aí, sobre os seus trabalhos, sobre o filme do Rei, mas o que nos trouxe aqui é a maconha, e se estamos os dois fumando, é bom que pelo menos um de nós mantenha o rumo dessa prosa. É o papel que me cabe. Sigo. Paro. *“Deixa pegar minha água”*, ele me pede. *“O problema é a boca seca.”* Depois de um gole, agora sim, aí vamos nós.

Explico mais uma vez a ideia do livro, o propósito de tirar a hipocrisia desse assunto, e o estopim que me foi a repercussão da sua declaração no jornal. Explico ainda mais como foi libertador, lá atrás, saber que ele fumava maconha e mesmo assim produzia tanto. Poxa, se o Nelson Motta fuma e faz tanto, então eu também

posso. Dou mais um tapa e vamos em frente. “Olha, Bruno. Tudo isto que você está me falando... É uma questão individual! Mas olha como a gente tem uma sintonia. Têm alguns anos eu imaginei um livro que se chamava Meu primeiro baseado. Que seria de entrevista com várias pessoas sobre seus primeiros baseados. Usar declarações que já existem e fazer entrevistas, mas aí a ideia foi ficando e eu seguindo”, ele já vai falando e seguindo: “Essa coisa da entrevista, foi um garoto do Globo, da reportagem, não foi uma coisa intencional. Eu falei em passant, falei no meio de outras coisas, quase pedi um off. Era para ter sido uma entrevista pequena, mas o garoto deve ter chegado eufórico na redação contando o que conseguiu, e lhe deram uma meia página e esse destaque de que eu fumo maconha há 55 anos. Não vale nem a pena explicar isso. Não foram todos os dias... No início eu pegava mais leve, ficava doido mais fácil, mas depois vamos ficando mais cascudos. Mas isto é uma outra história.” É não, Nelson! Pode seguir! “A ideia era pegar boas histórias de quem gosta e não. A minha mesmo está no De cu.... Com o Neville Almeida e o Jorge Mautner que não bateu nada, depois no ônibus da turnê do Sérgio Mendes que fui vomitar no banheiro e só depois com a minha mulher e um casal de amigos, num lugar que me senti seguro, aí sim eu fiquei tão louco, mas tão louco que nem viajando de ácido eu já fiquei assim. Então, ou seja, pra mim foi um casamento perfeito aquela sensação maravilhosa que eu nunca tinha tido”, conta. Mas por que demorou tanto, Nelson? Na sua vida tudo foi tão precoce! Seus empreendimentos, suas produções, mulheres, mas a maconha relativamente tarde, com uns 20 anos. Por quê? “Medo! Pavor! As pessoas não fumavam muito. No Beco da Garrafa vários fumavam, alguns escancaravam, como o Lennie Dale que fumava na rua, tinha o ‘táxi da alegria’ com um motorista amigo em que as pessoas entravam para fazer uma sauna rodando pela cidade. Devia ser uma sensação boa, mas meu pai, que era liberal em tudo, me apavorava muito com isto e me vendeu um peixe dizendo que numa roda de amigos o que não fuma que é o corajoso. Olha só.” É, filho de pai advogado tem de

saber lidar com esse tipo de argumentação. Imagina só, um primeiro beque com Neville D’Almeida e com Jorge Mautner! Fico imaginando a experiência que não deve ter sido fumar um primeiro beque com essa dupla de malucos! Numa roda de papo como essa nada pode ser mais doido! *“Eu não conhecia o Mautner! Dei dois tapinhas, não traguei, fiquei apavorado.”* O Jorge Mautner é muito mais viagem que qualquer maconha. *“E o Neville já devia até ter dado uns tecos. Sei que não bateu.”* Então, vamos para o próximo. *“A primeira não deu nada, na segunda vomitei, mas na terceira foi tudo certo. Estávamos em Cabo Frio, astral, de sunga o dia inteiro e o cara do casal de amigos nos ofereceu. Eu estava com minha namorada. Fumei e enlouqueci.”* Enlouqueceu mesmo! Vale ler no *De Cu...*, pois aqui não vou dar spoiler do livro dos outros. Compre e leia! *“Agora, para não esquecer, neste meu livro que eu imaginei queria ter também depoimentos de quem se deu mal, a bad trip do Caetano e tal. O Caetano, por exemplo, tem pavor! Tá até no Verdades tropicais, o livro dele. Eu tinha medo que algo assim me acontecesse, perder o controle, querer voltar e não volta.”* Sim, Nelson, já estou até começando a achar que este livro aqui pode ser nosso. Pode ser bom mesmo falar com quem não tenha boas experiências. Só não quero aqui hipocrisia! *“Eu mesmo, no começo da maconha tive uma bad trip de passar mal, vomitar, tomar leite e nada resolvia. Uma coisa totalmente psicológica com um simples baseado. Isso foi na casa da Betty Faria e estava o José Wilker também numa tarde. Eles eram maconheiros eméritos! Mas depois fui gostando muito! Era uma coisa que além do bem-estar e de soltar a cabeça mesmo, para mim era uma coisa que aproximava, era também uma coisa proibida, o que dava mais valor, tinha uma coisa transgressiva que me agradava, e começou a ter algo, que mais me agrada, que é a produtividade. Foi uma coisa começar a escrever doido! E você tinha a possibilidade de reescrever no dia seguinte. Foi ficando cada vez melhor isto. Tanto que... eu não tenho hobby, meu hobby é trabalhar, então eu gosto de acordar cedo, tomar um bom café da manhã, acender meu baseado*

e começar. Aí minha cabeça tá fresca, tudo funcionando bem, tenho minhas boas ideias, outras não tão boas, não interessa, e passei a funcionar assim. Não é que eu não consiga escrever um texto sem estar fumado, eu consigo, mas é penoso, enquanto fumado é prazeroso. Às vezes, eu fumo um baseado e fico uma hora só num texto de uma coluninha já escrita, mexendo, ajeitando, brincando ali com o texto. Todo dia eu escrevo! Pelo menos duas, três, quatro horas, porque é malhação. Eu falo isto para minhas filhas. Tô malhando os dedos e a cabeça. Treinando a gente fica com o dedo rápido. Igual um pianista. Eu me comporto como um músico e pratico a escrita todos os dias". Ele descreve um dia na vida de Nelson Motta.

Ele vai falando com tanta naturalidade, calma, fluidez, que fico só ouvindo e nem preciso fazer tantas das perguntas que havia preparado. Nessa de comparar sua prática diária nos escritos com a de um músico com seu instrumento, ele já começa a falar da presença da maconha junto aos músicos. É a deixa que eu queria, e mando: você acha que a bossa nova existiria sem a maconha? Como não perguntar isso sabendo da relação do João Gilberto com a erva? Como não perguntar isso ao Nelson sabendo do tempo que João ficava tocando a mesma música? Coisa de maconheiro! *"Isso é uma outra história, e já, já a gente fala, ok? Deixa antes eu falar do Paul McCartney."* Prossiga, Nelson. Bora falar do Paul, que, inclusive, chegou a ser preso por portar maconha no Japão. *"O Paul MaCartney fumou a vida inteira. Diz ele que aos 70 parou de fumar porque estava dando um mau exemplo"* – Nelson fala isto num tom de deboche – *"pras novas gerações. Uma bestialidade! Anyway, então ele deu um péssimo exemplo para a juventude tendo feito aquelas músicas horríveis? A maconha deve mesmo ter fodido com a cabeça dele! Olhe só que história! Bom, quero ver as músicas pós-maconha que ele fez, se são tão boas!"* E o melhor é que Paul, com ou sem maconha, segue gênio. Seu mais recente disco, *Paul III*, é maravilhoso! Mas, bem, nada que se compare à obra esfumada feita com os Beatles. Agora, realmente, o *Sir* fumou a vida inteira, fez a obra que fez, e

agora, depois dos 70, vem falar em exemplo para as novas gerações! Ora, Paul! Bora fumar um! Imaginem Nelson e Paul juntos fumando um! Uma bela parceria!

Podemos falar agora da bossa nova? Da batida do João Gilberto? Existiria essa batida se não fosse a maconha?! *“A bossa nova é coisa de maconheiro!”* Se eu fosse jornalista de algum jornal, aí estaria um possível destaque: *“Bossa nova é coisa de maconheiro, diz Nelson Motta”!* Prossiga, Nelson: *“A maconha é fundamental na vida do João Gilberto. É misterioso quando ele começou. Diz uma lenda que ele era alcoólatra e que depois conseguiu substituir a bebida pela maconha. É misterioso, mas ele já fumava maconha quando criou a batida que caracterizou a bossa nova, que é o que tem ali de genial, de absolutamente original, inédito na música do mundo. Aquele suingue ali... O samba era coisa, digamos, embora tivesse maconha no morro, mas, nos primórdios do samba, os mestres fundadores eram movidos a cachaça. O speed do samba, a velocidade, a coisa dançante e também a coisa amorosa, a dor de corno, é mais da cachaça”.* Sigo então concordando, e falo que, por outro lado, a bossa nova, a coisa da repetição, das horas que João Gilberto ficava tocando, e viajando, na mesma música... *“Se divertindo, na verdade”*, ele já emenda. *“O cara maconheiro fica ouvindo vinte vezes a mesma coisa. O João ficava um dia inteiro na mesma canção, procurando a batida. É uma espécie de meditação, um mantra gigantesco que ele fica ali entretido, fugindo do ego, buscando uma perfeição inatingível. Essa é a rotina dele.”* Curioso como Nelson fala do João ainda no presente.

Seguimos falando de bossa nova, e mais uma vez me cabe trazer a conversa para esse trilho. Ele afirmando o quanto lhe ajuda no seu trabalho, mas nem tudo são flores! No que a maconha te atrapalha? *“Se eu estiver assim num dia meio chateado, inquieto, não estiver bem, com problemas para resolver, aí fumar é péssimo! Agrava seus problemas, tira a objetividade. Fiz este erro algumas vezes. Eventualmente até hoje, o que é uma coisa rara e uma burrice. O que mais me vale é a sensação boa que me traz, estar com a cabeça aberta,*

ter ideias... Todas as minhas letras, tudo o que eu escrevi na vida foi under the influence. Tudo!" O que dizer depois de uma declaração dessas?! Meu ídolo afirmando que tudo que escreveu na vida, algumas das mais belas canções da MPB, seus livros sensacionais, tudo escrito sob a influência da maconha. Mas não chapa, não? Não fica morgado depois de fumar? *"Totalmente! Tem um preço... Talvez por puxar muita energia para quando você está ali doidão, então ao longo do dia vai cansando. Mas aí é torrar mais um para ver um filme e tal. Paradoxalmente eu te digo que para mim, para trabalhar, é ótimo!"* E eu achando que falaria do consumo recreativo da maconha. Definitivamente esse não é um bom termo. Mas ok, o Nelson se diverte trabalhando. *"Eu nunca gostei daquele clima de ficar chapado, reggae, cerveja, morgado. Morgado é uma expressão bem dos anos 60."*

Entrevista boa é assim. A gente estuda, se prepara, monta uma pauta acreditando que está cobrindo todos os assuntos, pensa numa ordem das perguntas para fazer sentido na conversa, mas... Chega na hora e o entrevistado é quem conduz, e nós temos é que estar com a cabeça ágil para, naturalmente, tudo que estudamos sobre o entrevistado nos sair naturalmente. Até mesmo quando ele volta ao início da conversa. *"Quando eu quis dizer isto, eu não queria chocar. Pelo contrário, e estou pagando um preço..."* Sim, inclusive teve um deputado federal, o Capitão Augusto (PL- SP), que disse que te convocaria para depor numa comissão de segurança pública. Você foi? *"Imagina. Não aconteceu absolutamente nada. Eu recebi comentários no site, nas redes, me chamando de 'verme comunista' e questionamentos de onde eu compro minha maconha e tal. Teve uns que eu tive saco e respondi que comprava com o Queiroz!"* Não vamos fugir deste assunto. É horrível mesmo comprar do tráfico. *"A questão é sempre esta: como você se sente sustentando o crime? Tá com a mão suja de sangue. É um teorema que ficou mais forte depois do Tropa de elite. É uma situação muito peculiar do Rio de Janeiro. Em Nova York fuma-se muita maconha, mas lá não é o traficante como o daqui quem vende. Não tem nem essa relação com armas e tanta violência. Querem*

transformar você, o usuário, em criminoso. Isso é uma insanidade. Esse papo bolsonarista de que a maconha que você fuma está matando um PM. Isso é uma insanidade!” Essa parte do assunto é mesmo muito importante falarmos, pensarmos, já que um dos propósitos deste livro – o principal – é acabar com a hipocrisia neste assunto. O fato é que o suposto combate ao tráfico mata muito mais gente que o consumo da droga. Veja quantas pessoas morrem vítimas de balas perdidas e confrontos entre polícia e bandido e quantas pessoas morrem por consumirem droga. Esse suposto combate ao tráfico não tem nada de efetivo neste objetivo. Até porque o objetivo não é este. Quer acabar com o tráfico, legalize. Quer combater o tráfico, comece em Brasília. Vá ver quem são os grandes traficantes atacadistas de drogas e armas. Se até num avião da comitiva presidencial foi encontrada cocaína para o tráfico internacional, alguém com um mínimo de intelecto pode achar mesmo que essa política de confronto em favelas tem o objetivo de sufocar o tráfico? No entanto, a sociedade em geral compra esse discurso que faz policiais totalmente despreparados colocarem suas vidas em risco como se fossem heróis, alegando que estão combatendo algo em prol da sociedade. Não estão! Essas políticas de combate às drogas só servem para matar preto, matar pobre, matar policial, matar inocentes com balas perdidas e vender muita arma. E, no mais, ninguém deixa de consumir droga por elas serem proibidas pela lei. Quer comprar maconha no Rio, basta ir à praia. Tem lugar mais democrático? Ou pedir pelo Whatsapp.

Voltemos ao Nelson. *“Tem vários anos, eu faço parte de um clube... Que planta para o medicinal e o excesso... Uma assinatura mensal. Há anos e anos que eu posso dizer que planto com amigos. Ou então posso seguir dizendo que compro do Queiroz. Ó, na boa, vai se foder! Esse tipo de gente querendo dar lição de moral. Faça-me o favor, né? Mas, ó, voltando à sua pergunta”* – eu já nem lembrava mais qual pergunta –, *“não me atrapalha, não me atrapalha em nada. Me ajuda muito no trabalho, mas eu não vou ficar recomendando pra ninguém.*

É uma atitude, uma decisão pessoal, individual.” Sem dúvida, Nelson. Mas como era na sua casa, com suas filhas, você fumava na frente delas? “Sempre fumei na frente das minhas filhas. Mais novas elas não entendiam, e depois quando entendiam tem uma história hilária até...” Opa, uma pausa para Nelson acalmar o gato Max que não para de miar. Nelson lhe dá uma chamada e volta dizendo que o gato entende tudo. Esse gato é doidão! *“A Esperança era bem pequena, e fomos na chegada do Papai Noel com uma professora dela que morava na Tijuca e que me disse que a Esperança disse que o papai fumava um cigarro feito em casa. A sorte foi que a professora também fumava cigarro feito em casa. Fumamos um e fomos enlouquecidos receber o Papai Noel. Um Natal inesquecível!”* E aí ele conta outra história, em que uma filha, ao fazer suas festinhas em casa, sempre recorria ao pote do papai. O fato é que: *“Sempre tratei com as minhas filhas como sendo algo normal. Na adolescência delas eu tomava mais cuidado. Enfim, tenho três filhas já adultas e uma não fuma, outra fuma moderado e outra fuma muito. Então, vai falar o que sobre a ‘influência danosa’ sobre os filhos, como explicar o ‘péssimo’ exemplo?”*

E como será o ritual canábico do Nelson? Será que ele aperta seus beques? Desberlota? Fuma mais sozinho ou acompanhado? Será que fuma para dormir ou só para trabalhar? *“O que eu mais gosto é de pegar uma boa ponta que tenha sobrado da noite anterior já pronta ali. Tem também uma das filhas que quando está aqui comigo sempre deixa uns enrolados. Eu tenho preguiça de preparar, mas às vezes tenho que, né? Não tenho prazer nenhum em apertar, faço pois é preciso.”* Você gosta de fumar antes de dormir, dar um tapinha? *“Não, não. Eu fumo mais é pela atividade, para trabalhar, aí chega à noite, eu tô cansado e pronto. Ok, às vezes fumo um assim para relaxar, para chapar mesmo, mas não é o que mais gosto. Se eu não estou bem de cabeça aí não abuso, tem que tomar cuidado. Olha, eu lamento hoje não ficar mais tão doido como eu ficava nas primeiras vezes. Acho que a gente sempre busca esta sensação ‘em busca do barato perdido’, uma espécie de Proust da maconha.”* Mais um ótimo exemplo de quem

usa a maconha sem ser usado por ela. Tem o domínio da situação. E tem mais outras formas de barato para ele: *“Tem um oleozinho que um hippiezinho tá fazendo que eu andei usando. Um óleo com THC. Ele falou para pingar umas cinco gotas no nariz, eu pingo logo umas vinte. Dá uma onda interessante. Demora pra bater. Dá mais um relaxamento muscular, provoca mais este barato que é bem interessante, mas não é para a minha atividade”*.

Caramba, tô com o Nelson Motta na minha tela! Então bora falar mais de música, do ambiente musical. Sempre achei estranho que nos livros, documentos, relatos que temos, a maconha não parecia tão presente no ambiente de criação musical dos anos 1970. Será mesmo? O único maconheiro escancarado era o Tim Maia? Não creio. *“Entrar na minha sala e acender um só o Tim. Depois, mais tarde, talvez a Rita Lee. Entre os músicos se fumava mais. Os do Tim Maia nem precisa falar. Conforme a gravação... Músicos de jazz. Era difícil, tinha que fumar escondido nos estúdios. Tem até a história que o Tim foi fumar um bem na sala do ar-condicionado. Não era assim escancarado, não. Nos anos 70, com os artistas que eu trabalhei, com a Elis, não era comum não. Chico, Caetano, Gil, nunca foram muito maconheiros. O Gil chegou a ser preso, mas disse que parou aos 50, mas ele foi um dos mártires. Foi preso e internado num hospício! Eu não entendo mesmo porque as pessoas têm tanto ódio da maconha, de maconheiros. Veja agora nos Estados Unidos, com os estados liberando o consumo. Nada mudou, ninguém mudou, nenhuma taxa de violência cresceu. Nada mudou. A maconha é uma droga – odeio chamar maconha de droga – que já saiu da lista de drogas da ONU. Então eu não entendo este preconceito. Ninguém fuma maconha para ser violento. Imagina se uns assaltantes indo para um assalto vão fumar maconha para inspirar? Não teria assalto, nem porra nenhuma. Quais são os perigos da maconha?”* Aí estão boas questões: por que tanto preconceito com uma planta? Por que essa associação do consumo da maconha com a violência? Por que tanto desconhecimento? O fato é que esse processo de legalização é inevitável. Veja nos Estados

Unidos! A cada eleição, mais estados legalizam o consumo. Nem o Trump conseguiu parar isso. Aqui no Brasil não é de hoje que somos moralmente injustificáveis. Veja a abolição da escravatura! Fomos o último país a abolir a escravidão e, mesmo assim, somente por causa de ameaças de boicotes econômicos mundiais. Nossa abolição foi tão para inglês ver que até hoje somos este país racista, desigual, criminoso, e que usa a suposta política para combater o tráfico somente para matar preto, pobre e assim dar alguma satisfação para uma classe média mal-informada, pouco empática e... hipócrita. Uma espécie de resquício de eugenia. E pensar no quanto a legalização da maconha poderia gerar de impostos, empregos e de paz. Isso falando só nos benefícios do uso recreativo. Nem preciso falar dos inúmeros usos medicinais e industriais, certo? *“Aqui será igual a escravidão. Seremos o último país do mundo”*, mais uma vez concordamos. *“Aqui, com este clima, com este solo, poderíamos ser o maior exportador de maconha do mundo! Uma planta que cresce rápido, uma commodity poderosa.”* Concordamos novamente. O Brasil, com o clima que tem, imagine só!

E assim nosso papo, que já dura há quase duas horas, vai se aproximando do fim. Nossos beques já nas pontas. Mas guardei uma última pergunta para o final e, por mais que nosso papo tenha feito todo o meu roteiro, esta não vou deixar passar. Nelson, você hoje em dia escreve e vive das suas memórias. Se não fumasse maconha podia lembrar de muito mais, hein? Nelson, você é a contradição da maconha! *“Olha, diz a lenda, pode ser científica, que afeta os neurônios, mas é quando eles estão em formação. Eu, como comecei a fumar já depois dos 20 eu já estava com meus neurônios formados. As outras gerações após a minha que começaram mais cedo.”* É verdade. Melhor escrever mais rápido as minhas memórias antes que eu esqueça! E mesmo depois deste sutil toque que me deu, ele continua. *“A função da memória é o esquecimento. Se a memória fosse só a memória, seria um fluxo contínuo de vários pensamentos e informações, mas a principal função da memória é selecionar o que fica.”*

E assim lembramos das coisas boas, mas também podemos esquecer outras. Eu vivo da minha memória não só nas minhas escritas, mas é minha fonte de experiências, argumentos, mas eu também exercito minha memória. Quando quero lembrar de uma coisa, eu tento lembrar sozinho, mas se não, vou ao Google, que é uma maravilha. Eu até digo no meu livro que é uma benção para a minha geração. Primeiro foi a pílula anticoncepcional na juventude, depois veio o Viagra na meia-idade e o Google na velhice. Então, sim, eu vivo da minha memória.” E sabemos que memória vai muito além de fatos, datas, nomes: tem também a memória afetiva, os sentimentos, uma memória molecular, celular, algo sobre o que nem temos domínio mesmo. As sinapses que nossas memórias vão fazendo. Haja neurônio! Uma coisa eu garanto, nem que se queimem todos os meus neurônios, nunca vou esquecer esta tarde, esta entrevista, este papo, este beque fumado com meu ídolo Nelson Motta. Eu já pra lá de satisfeito e Nelson segue falando das lojas de maconha em São Francisco, os clubes em Barcelona, um verdadeiro maconheiro com experiência internacional. E ele me dá conselhos para o livro: *“Olha, recomendo muito a você que pegue o Fernando Henrique Cardoso e também que tenha esse depoimento pavoroso do Caetano. A maconha pode ser muito boa, mas não é para todos. Você deve sempre falar das experiências pessoais”*. Se meu ídolo está falando isto, é isto que farei. Isto e muito mais. Nosso caminho baseado em papos reais está só no começo. Vamos em frente! Cof, cof.... Eu fumei um com o Nelson Motta! *“Valeu, Bruno! Vou fumar mais unzinho para continuar aqui.”* Obrigado por tudo e tanto, Nelson!

A roda já está aberta para você entrar. Vamos falar sobre maconha?

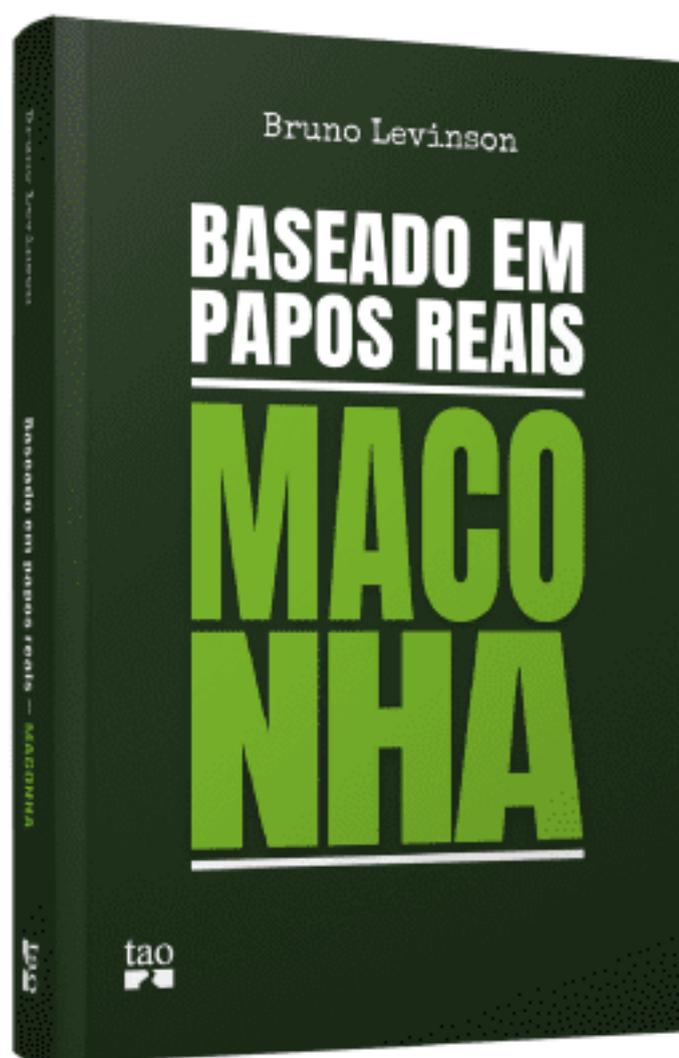
Maconha como um todo, sem distinções nem preconceitos. Não é maconha medicinal ou maconha industrial ou maconha recreativa. É tudo maconha. É tudo uma mesma planta milenar. Uma planta com diversas propriedades, entre elas trazer bem-estar pra muita gente. É sobre essa maconha que iremos falar. É sobre esse produto, um dos mais vilanizados da história, que vamos conversar. Nunca uma planta tão poderosa, uma “erva santa”, foi tão demonizada quanto a maconha. Precisa disso?

Em *Baseado em papos reais - maconha*, o autor e jornalista Bruno Levinson conversa com 20 pessoas de diferentes áreas e diferentes aproximações com o tema. De Nelson Motta, que assumiu recentemente fumar maconha praticamente todos os dias há 55 anos, até o ex-varejista de drogas e presidiário Stephane, passando pelo Fernando Gabeira, o professor doutor no assunto Henrique Carneiro, o delegado Orlando Zaccone, a ex-juíza Maria Lúcia Karam, Marcelo D2, MV Bill, o CEO da Favela Holding Celso Athayde, a Maria Riscalca, CEO da Kaya Mind, o William Lantelme, ativista da Growroom, entre outros. Todos expõem com total franqueza suas vivências e pensamentos sobre o tema. São 20 conversas que não esgotam o assunto, mas colocam nas reticências a certeza de que a maconha pode ser uma mola propulsora para um novo momento econômico e social do país. Não tá acreditando? Então leia. Entre na roda e venha você também participar desta conversa baseada em papos reais.



www.taoeditora.com.br





Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Baseado em papos reais

Bruno Levinson

ISBN: 9786589913306

Páginas: 266

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
